

Olá,

Começo o ano em uma biblioteca de Victoria, no Canadá, e encontro esse trecho de Ingold, um presente para a *gis*:

Em um ato de puro, míope vandalismo, gerências universitárias têm até mesmo comandado a remoção de lousas e giz das salas de aula, substituindo-os por telas brancas e lisas, de forma que até mesmo aquela possibilidade final de narrar com a mão seja removida. Não nos permitem sujar as mãos misturando-as com materiais, nem que quiséssemos. Sensibilidade e ser senciante -- toque e sentimento -- não precisam, no entanto, se colocar numa razão inversa. [...] Uma sensibilidade realçada tecnologicamente, a serviço de uma gerência engajada com materiais em processos de criação, poderia, de forma genuína, ampliar, ao invés de erodir ainda mais, o escopo da humanidade. (Ingold, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Routledge, 2013, p. 124).

Vida longa à *gis*!!

Essa frase de Ingold, que Rose Satiko traz como um presente para a *gis*, dá as pistas do que queremos como perfil para esta revista: nas interfaces entre antropologia e arte, ampliar o nosso conhecimento do humano em suas formas expressivas, insólitas e surpreendentes. De um lado, entrar nas várias formas de manifestação artística pelas brechas que nos abre a antropologia, e de outro, recriar os modos de fazer antropologia em oficinas de arte. Primazia do sensível. Variações do inteligível. O corpo tem razões que a própria razão desconhece. E se a razão, em suas múltiplas formas de ser, é ela também corpo, ela igualmente se desconhece.

Estamos interessados nesse fazer da antropologia, um fazer que busca novas linguagens, que se permita sair dos cânones acadêmicos, que ouse adentrar nos territórios da fotografia, do cinema, do teatro, da música, da literatura e das artes de modo geral.

gis – gesto, imagem e som. *gis* lembra também aprendizado, risco e experimentação.

Por meio da imagem de um pedaço de giz, um instrumento arcaico de escrita em risco de desaparecer, sinalizamos nosso interesse por formas de conhecimento corporificado. Seguimos as inspirações de Constance Classen: os sentidos do mundo se formam através dos sentidos do corpo. Nas formulações de antropologias da performance nos encontramos com antropologias em performance.

Agrada-nos a ideia de que algo possa ser apagado, como tudo que se escreve com giz. Não pretendemos com esta revista eletrônica a publicação de obras primas intocáveis. Queremos experimentar, fazer da revista algo como um laboratório que congregue pessoas com diferentes talentos, que interagem em busca de algo novo, que buscam novas linguagens para uma disciplina que nos apaixona e ao mesmo tempo nos parece saturada pelo verbo. Podemos sujar as mãos, como quando escrevemos com giz, evidenciar os vestígios do nosso fazer, ousar trilhar novos caminhos, mesmo que no final de alguns deles tenhamos que retroceder.

Correr riscos. Onde se lê “no princípio era o verbo”, leia-se “no princípio era a ação”. Subverter os efeitos de verdade dos regimes hegemônicos de representação. Impedir a ditadura da palavra imaculada e das linguagens gramaticalmente articuladas. Nos limiares das linguagens, explorar seus elementos arredios e captar as linguagens do gesto, da imagem e do som.

GIS. Nessa revista, procuramos articular linguagens emergentes que tiveram início nos anos 1980, mas que já eram de certa forma arcaicas, até mais antigas do que as discussões pós-modernas, discussões sobre paleoperformances, vanguardas artísticas, escrituras e teatralidade da Idade Média. São essas linguagens dos liminares, sempre emergentes, que queremos retomar para fazer frente às formas de conhecimento corporificado em risco de cair no esquecimento.

GESTO. Linguagem dos gestos. Pensamento em ação. No deslocamento do lugar sentido das coisas, as formas da razão se revelam nas entranhas, em estados de criação. Em gestos se rompem as formas cristalizadas da linguagem para tocar a vida.

IMAGEM. Escrituras da luz, explosivas como o choque de uma chama de fósforo em pó de potássio.

SOM. Poéticas de sons e ruídos. Vida que se revela em paisagens sonoras e musicais. Imagens que emergem do inconsciente sonoro.

gis reúne antropologias que se debruçam sobre imagens, sons, performances; expressas em filmes, fotos, objetos e gestos expressivos, músicas, artes de todos os tipos. Uma revista indisciplinada, ou melhor, que aposta



no emaranhado de disciplinas, tal como a figura do fungal mycellium, mencionado por Ingold, cujos fios delgados se entrecem e se revelam sob o casco apodrecido das árvores.

Se a arte é vida e vida é arte, elas estão imbricadas, profundamente conectadas e até misturadas. Benjamin e Taussig já nos mostraram que o conhecimento é produzido muitas vezes de forma lúdica, abrindo-nos a possibilidade da experiência de ser outro e de perceber as entranhas de nossos sentidos corporais. Há instantes, assim, em que pessoas adquirem as qualidades dos artefatos, que, por sua vez, se transformam em pessoas. Ganham vida. Como em um risco de gis.

